# DO “CORPO ANÁTOMO CLÍNICO” AO CORPO “UNIDADE-CÓSMICA”: OS VIVENTES DAS RUAS E A CLÍNICA DO CORPO-RUA.

Pedro Victorino Carvalho de Souza - Universidade Federal Fluminense (Doutorando) pedrovictorino@id.uff.br

Túlio Batista Franco - Universidade Federal Fluminense (Doutor) [tuliofranco@id.uff.br](mailto:tuliofranco@id.uff.br)

Mírian Ribeiro Conceição - Universidade Federal Fluminense (Doutora) [mirianrcon@gmail.com](mailto:mirianrcon@gmail.com)

Kamilly Souza - Universidade Federal Fluminense (Mestranda) [kamilly.araujo.1@cp2.edu.br](mailto:kamilly.araujo.1@cp2.edu.br)

Giovanna Fachada Abrahão - Universidade Federal Fluminense (Mestranda) [giovannafachada@gmail.com](mailto:giovannafachada@gmail.com)

Luis Eduardo Ribeiro Ferreira - Universidade Federal Fluminense (Doutorando) lerfduda@hotmail.com

# PALAVRAS-CHAVE: corpo-rua; unidade cósmica; sensível rua

# INTRODUÇÃO

Essa narrativa diz respeito ao projeto de pesquisa em doutoramento no Programa de Pós- Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, na interface com as discussões oriundas da pesquisa nacional "Práticas e saberes que vêm das margens: encontros e desencontros com a atenção e a formação em saúde". Descrevemos um pouco do nosso percurso pesquisador orientado na investigação da clínica a partir do encontro com corpos nômades, àqueles que vivem das/nas ruas no qual nos convida uma segunda questão, não menos importante: que clínica necessária nos convida esses corpos?

# METODOLOGIA

Utilizamos a pesquisa bibliográfica e o texto Em Busca da Clínica dos Afetos (Franco & Galavote, 2010) como guia nesse processo pensante produzindo articulações com outros pensadores nas discussões. Partindo de uma atitude de produzir reflexões sobre corpo e clínica, ou a clínica do encontro de corpos, utilizaremos nesse trabalho um pouco das inquietações produzidas em nós na medida em que avançamos nas trocas.

# RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partimos da análise sobre a transformação histórica na concepção de cuidado e de corpo, especialmente a partir da medicina ocidental moderna. Franco & Galavote (2010) destacam que, antes da medicina científica, o cuidado era um saber coletivo, transmitido entre gerações. Com base em Foucault (2003), enchergamos o "corpo anátomo-clínico", que representa a medicalização e privatização do corpo, desconsiderando o sujeito que o habita. Rolnik (2006) critica esse "olhar retina", que enxerga apenas o corpo físico, e propõe a ideia de um corpo vibrátil, sensível e afetado por presenças vivas. Denuncia as formas como o capitalismo bloqueia essa sensibilidade, impondo modos de subjetivação que dificultam a relação autêntica com o outro. Inspirada por essa visão, a autora propõe uma busca por novos significados para o corpo, indo além do visível e do normativo, em direção a corpos plurais, históricos e sociais – como os corpos-rua, marcados por questões raciais, de classe e de processos de exclusão. Abrindo fendas nas nossas práticas e reflexões, convidamos para essa conversa a perspectiva ampliada na visão cosmológica dos povos indígenas do Alto Rio Negro (BARRETO, 2022), que veem o corpo como uma "unidade-cósmica", constituída por forças vitais como kahtise e nirowe, expressando uma ligação viva entre o corpo e os elementos naturais. Essa visão decolonial propõe um entendimento mais amplo e sensível do que é o corpo.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa consideração final diz muito mais sobre um percurso inicial, que nos possibilita refletir sobre o lugar da ciência, sobre as práticas de pesquisa. Estabelece em nossas discussões a possibilidade de considerar esse momento de reunião de pensamentos que antecedem a pesquisa de campo como um grande preparo. Reconhecendo ampliação do entendimento de corpo, para novas possibilidades para o cuidado. Numa atitude que num mesmo giro fortalece o reconhecimento da vivência desses corpos narrado pelos próprios numa expansão de outras possibilidades para o cuidado. Numa tessitura decolonial que percebe ou busca novos sensíveis do outro e do encontro experimentados por forças vivas que sejam capazes de produzir ruídos nas biopolíticas que insistem em regular a vida e os processos de subjetivação. Entre as reverberações em nossos corpos ressaltamos o paradoxo entre controle e potência vital. Guiados na premissa: a partir dos encontros corporais, o que está sendo produzido de clínico nessas interações?

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, K.F.; ROCHA, M.L. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. Psicologia: ciência e profissão, 4, p. 648-663, 2007.

ARTAUD, A. Van Gogh: o suicidado pela sociedade. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1947

BRECHT, Bertolt. Antologia poética. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982

FOUCAULT, M. O Nascimento da Clínica. Forense Universitária, São Paulo, 2003.

FRANCO, T e GALAVOTE, H. Em Busca da Clínica dos Afetos, in, Franco, T.B. & Ramos, V.C. “Semiótica, Afecção e Cuidado em Saúde”. Hucitec, São Paulo, 2010.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Rio Grande do Sul: Sulina, 2006.

BARRETO, J. P. L. O mundo em mim: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro. 1. ed. Brasília: Mil Folhas, 2022.